

# REVISTA MENSAL

DA

## SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

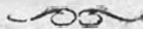
COMISSÃO DE REDACÇÃO



1.º ANNO. — SETEMBRO DE 1869. — N. 7.



PORTO ALEGRE



Typographia do —Jornal do Commercio— de L. F. Cavalcanti de Albuquerque.



1869.

REVISTA MENSAL

SOBRE O

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.  
Appollinario Porto Alegre.  
José Bernardino dos Santos.  
Aurelio V. de Bittencourt.  
Nicolau Vicente Pereira.  
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

---

REDACTOR DE MEZ

Appollinario Porto Alegre.

---

REVISTA MENSAL

1889

# OS PALMARES

## ROMANEE HISTORICO

POR

### APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

(CONTINUAÇÃO.)

#### CAPITULO II.

A noite é limpida e bella. Em seu manto de asphalto mil perolas reverberão e irião-se em prismaticas resteas que matisão a sombra das selvas.

A brisa tepida murmura baixinho na rama.

Em certos momentos quebra o silencio d'aquelles sitios uma nota de noitibó, prenhe de magico encanto e doce melancolia.

Como são encantadoras as noites de minha patria!

Quão sublimes transcolão n'alma os effluvios da poesia!

Como tudo em torno nos diz na ballata melliflua da natureza: Deus, patria e liberdade!

Eu amo... O que? Nem sei; mas esta terra inspira amores, que, na falta de objectos reaes, se dedicação talvez a uma visão passageira a roçar com azas de cherubim as raias do infinito!

Eu amo, meu Deus... a ti, á tua criação!

Salve! noites de Santa Cruz.

Echos da serrania, tangei vossa harpa colia, e minha saudação repeti nos ermos.

Repeti-a, florestas cujas comas topelão com os castellos de nuvens no firmamento, repeti-a no merencorio e doce sarfalar de vossas folhas a horas mortas.

O' bafagem que trêfega perpassas, ó onda que te espreguiças no jalde areal das praias, repeti, repeti meu grito de enthusiasmo.

Quem pôde contemplar as paragens da patria, os mares, céos, cordilheiras, páramos e penedias tão quietos e expressivos na mudez das noites, sem, tremulo de emoção, pronunciar hosannas ao Creador?

O labio, o coração, o olhar abundão de epinicios, transbordão uma alegria pura e divina que corre, delindo-se n'um canto de intima gratidão!

Salve! meu berço, mimo de meus amores!

A noite vai no seu gyro tranquilla e silente.

Da casa de Pero Lopes, pelas taliscas das portas, fogem fios de luz, cujos reflexos vão fluctuar tibios e versateis no vulto do arvoredor.

E' que inda não dormem.

Entremos n'esta casa.

Vatsa sala é a primeira peça que se nos apresenta.

Ahi junto a uma mesa tosca, sentado n'uma alta poltrona de couro está um homem. Terá pouco mais ou menos quarenta annos; é alto e robusto. Tem as cellas carregadas como por effeito da meditação, o olhar severo e fixo como o do mathematico; mas um habil physionomista leria atravez de sua retina, no fôro da consciencia, o remorso que lhe sombreava a fronte, avincando-a profundamente.

Ha apparencias que simulão virtudes, que inspirão veneração; mas não são mais que a lentejoula que brilha como o ouro, a purpura que envolve alporcas. Espedacem-lhe o rebuço, e a realidade será triste e repugnante. Ninguem julgue pela face, a face mente, como a mancenilha ao famelico viajor; a hypocrisia feita um habito semelha á virtude, recebe preitos e homenagens como esta.

Quantas vezes os nobres sentimentos, a e'evaço d'alma e a inteireza de caracter não vem com o revestimento da fealdade physica, o trato grosseiro do rustico, a aspereza da voz e dos movimentos? Estes são como o diamante no cascalho do rio; guardão no seio, bem dentro de sua essencia intima, o brilho, a pureza e o seu valor real; o mundo os aprecia pela encadernação e só Deus pelo conteúdo.

O homem que acabamos de ver pertencia á galeria dos Cubins, se nos antolha-va o que não era, e era o que não julgar-se-hia pela presença respeitavel que apresentava.

Era Pero Lopes.

A seu lado direito destacava-se o typo opposto.

Imagem pela architectura. Dos pés pequenos e gordos formando fracas bases, sahião os fustes das pernas; sobre estes pousavão as enormes e volumosas caixas como capiteis, seguia-se assente nas duas columnas a cupula do abdomen, roliça e saliente, como a de S. Pedro em Roma, e afinal como remate da obra a pequena esphera da cabeça.

Não conhecem?

E' Rolando, o celebre physico de Porto-Calvo.

Pois bem, Rolando correspondia exactamente ao que em portuguez chamou-se: *bonachão*; sob a estrutura grotesca do corpo existia um coração bondoso. Jamais premeditara o mal, e se muitas vezes errava uma cura, o fazia innocentemente e sem consciencia; era por acanhamento intellectual.

Alcumharão-n'o Caronte, e no entanto não o deixavão, e seus serviços tornavão-se procurados em larga distancia.

A historia de sua vida era quasi a d'um vegetal, mas nunca fôra um instrumento da maldade; tinha instinctos, mas estes guiavão-n'o sempre para o caminho do bem.

Então attingira ao quinquagesimo natalicio.

Comia, bebia e dormia em excesso, eis os seus defeitos. Só um resentimento vinha de espaço a espaço amargar-lhe as lembranças: era a campanha de 1678 onde encontrara o physico Antonio.

Desde que se virão, começara uma lucla em que Antonio tivera sempre a primazia. Quando evocava taes recordações, exclamava com azedume: *Aquelle judeo! Aquelle judeo!*

Mas fôra isto o passado e o presente constituão para elle um mar de rosas. Do futuro não curava, e se algum dia occorreu-lhe á mente o que ha de vir, foi pensando talvez n'uma bella madrugada, em que, depois d'um somno profundo, tivesse a tomar alguns quartilhos de leite.

Rolando afundava-se n'uma poltrona, e reclinado no espaldo com as mãos cruzadas na parte superior do bojo abdominal, toscanejava.

Por certo tinham feito libações; um cangirão inda contendo vinho e dous pi-chéis vasioes sobre a mesa o indicavão.

A' esquerda de Pero Lopes destacava-se uma mulher de trinta annos, cuja tez porventura ressequira-se aos éstos de paixões vehementes na mocidade. Sombrea-vão-lhe a fronte algumas rugas, que se formavão e desfazião á medida dos sentimentos que lhe agitavão o coração. Sua formosura não escoara de todo na aza ve-loz do tempo. Se alguma cousa lhe faltava, era o verdor e donaire idóneo á quadra florida da existencia da mulher, a frescura da pubescencia que metamorphosêa a criança n'um ente vaporoso, derramando d'entre uns labios rubineos celestes harmonias sobre a terra, n'um anjo para ejaacular o pollen do amor no coração do homem, fecundando-o de sorrisos innocentes e extremes venturas.

Chamava-se Eulalia.

Era a segunda esposa de Pero Lopes.

Um loiro menino dormia em seu regaço.

Rolando dormia o somno da innocencia. Sua respiração galgando as tracheas, barafustava pela garganta e fossas nasaes produzindo sons, como os de cem fagotes soprados virilmente. O pulmão traduzia o homem.

Não é tal compleição que cahiria á influencia do marasmo ou atrophia. Os bo-fes e o estomago são a séde da vida da materia, como o cerebro e o coração são da vida do espirito.

O silencio reinava entre os dous conjuges.

Eulalia quebrou-o.

— Que diz então, Pero Lopes, o Sr. physico de nosso filho?

— Diz que nada é, respondeu.

— Nada é?! E uma chiSPA fugiu-lhe do olhar. Elle o disse? Então esta crian-ça deixou de rir e de brincar sem causa?! Vê, como arde a testa...

Pero Lopes estendeu o braço e foi tocar a fronte do menino:

— E' verdade! Mas que havemos de fazer? Não o fui eu mesmo em pessoa demandar? Não o trouxe?

A leôa estava ferida no filho; lançou pois um terrivel olhar sobre o pobre Ga-leno dormindo a somno solto.

— De quem carecemos é de Antonio, ajuntou ella.

Uma ligeira nuvem annuviou o rosto do marido.

— Sim, pronunciou elle machinalmente, e mergulhou a fronte entre as mãos, como quem se recolhe para reflectir.

O silencio de novo restabeleceu-se. Ouviu-se inda o estalido d'um beijo que a mãi imprimira na face do filho, e depois... só o resfollegar compassado de Rolando. Assim estiverão alguns minutos.

— Em tua ausencia, começou ella, chorei, Pero Lopes... Não escutas?

Elle sem mudar de posição retorquiu:

— Continúa...

— Chorei e a causa sabes de minhas lagrimas?

Suspendeu, mas vendo que não obtinha resposta, proseguiu:

— Foi tua filha

— Queixas! sempre queixas! tornou com enfado.

— Sempre lhe dás razão...

— Ora! Quando, Eulalia, deixarás de fomentar a discordia entre mim e mi-nha filha? Não bastão as admoestações que hontem lhe fiz? Não estás satisfeita?

— Esquecia que empallideces diante d'ella, perdão, Pero Lopes.

— Eulalia! Bradou elle tremulo de cólera, batendo com o punho cerrado so-bre a meza.

Rolando fez um movimento com a cabeça, como se importuno insecto o ferisse.

Ella nem pestanejou; nem um só vislumbre de temor desbotou-lhe a face, an-tes seu labio arqueou-se com sarcastica expressão.

— Não despertes Adolfo, o coitadinho dorme tão tranquillamente!

— Eulalia, atalhou elle, tu sabes porque tremo diante de Amelia, e empalli-dero, como dizes; sabes?

— Não vais dizer-me?

— Não motejes, é por amor de ti. E' porque matei-lhe a mãe, conforme teus perversos conselhos, para assim receber-te em segundas nupcias, porque enfim a despojei e a seu irmão d'uma legitima herança. Eis porque receio a presença de dois filhos, cuja afeição roubaste-me e que outr'ora tanto me amavão. Mulher, ainda não estás contente com o sacrificio que entregou minha alma ao demo? Queres ainda a immolação d'uma innocente menina a teu rancor sigadal?

Assim fallando tinha a voz saturada de profunda emoção.

Debatia-se na cathasta do remorso, como Perillo nas fornalhas de sua propria iavenção.

E o remorso é como o leite da euphorbiacea, queima, abre a angustia e o desespero no coração do homem.

De novo soterrou a cabeça entre as mãos e immovel parecia soffrer inexprimivel agonia.

— Em que pensas? Porque vejo um homem d'armas tão acabrunhado? disse ella batendo-lhe de leve no hombro!

— Por-Christo! Não tortures mais esta pobre alma attribulada e abatida pelo crime.

E a diapasão de stentor que ha pouco ouvimos mudara-se em supplice tono.

— Meu amigo, escuta, quando ainda agora fallava de Amelia, juro que não ora desejando que a maltratasses por minha causa; juro pela alma pura e angelica de nosso filho.

Pero Lopes lançou-lhe um olhar avido, e como se quizesse sondar-lhe até os ultimos folliculos do coração; mas em vão! Um velamen de impenetrabilidade revelava os traços d'aquella mulher. Se occultava más intenções, ninguem o crêra, pois havia tão suave expressão de bondade que illudiria ao mais perspicaz observador.

— Queria sómente, continuou, que por conselhos, como sabes dal-os, lhe desarraigasses certas idéas. Em quanto á offensa que recebi, esqueço-a, porque não é mais que o resultado de sua pouca idade.

— Então o que fez?

— Não a condemno, disse evadindo-se intencionalmente á interrogação, o maior culpado é seu irmão com as continuas cartas que escreve de Olinda. Em vez de aconselhal-a a bem, envenena-lhe os pensamentos.

— Mas o que é, Eulalia? reiterou a pergunta, repassada extremamente de curiosidade.

— Hoje pedindo eu que tomasse a Adolfo, e o entretesse em quanto tinha a fazer, uma disputa suscitou-se em que ella levou lampas de tal modo que o creras, só se a visses. E acabou ameaçando os emboabas, como ella dizia.

— O emboaba! rugiu abalando a meza sob a pressão d'um formidavel murro, com as faces cardenas, o olhar flammejante e as mãos crispadas pela cólera.

— O emboaba?! Ella disse?!... acaba.

O rutilo do contentamento recalcado no fundo do peito passou pelos olhos da madrastra com a rapidez d'um relampago.

— Sim, disse que o emboaba um dia cederia o lugar ao legitimo possuidor d'esta terra.

— Ah! E' soltou uma gargalhada que simultaneamente requebrava sarcasmo, odio e vingança.

O tigre momentos antes curvado ao ophiatta do crime, atormentado por uma sombra que lhe abria perenne manancial de terrores no passado, agora de pé, altaneiro, tinha sêde de sangue, onde asfogasse a affronta arrojada ao brazão de portuguez, ao titulo de senhor adquirido de juro e de herdade por seus maiores, desde Cabral o navegante.

E ria com esse rir de Mephistopheles, quando feria o irmão de Margarida!

— Acabou-se tudo... Não ha mais laços de consanguinidade... Chamão-me á lucta, por Christo que não fraqueio! Ha dezeseite annos que minha espada repousa das lidas da guerra, mas seu gume inda está afiado e ha um braço que a brandirá vigorosamente. O os miseraveis! Tudo nos devem e nos ameaçam!

Ferros! Já Fernandes Vieira foi recebido hostilmente como chefe; mas isto acaba em breve.

E arrastado no soliloquio seus movimentos traduzião a revolução que lhe ia por alma.

Eulalia interiormente sentia a mais suave effusão. A victoria era segura; custara largo tempo, mas dera um golpe certo.

Rolando, o bom Rolando dormia em paz, porque sua consciencia era um mar sem vagalhão, um céu sem nuvens. Alli na sala resaltava como o anipoda, quer physica, quer moralmente, dos entes que o cercavão. Dormia tão profundamente como os Sete Dormentes do Epheso, dormia feliz, porque o reino de Deus é dos pobres de espirito e das almas puras....

— Se Amelia, proseguiu a implacavel mulher, assim fallou, é obra de Frederico, o irmão hereje e rebelde sempre disposto a arredal-a do dever... Apesar do desterro a que o abandonaste, não deixa de rebellal-a contra nós, como o fez em outro tempo. Não temos maior inimigo em toda a capitania, Pero Lopes.

— Também a justiça começará por casa.

(Continua.)

...a influencia a que tem exercido como guarda avançada em todos os transes ditos em que até hoje se tem estado o país. Com effeito, a 18 de Setembro de 1837, sendo presidente o hesperophagor Antonio Rodrigues Chaves e chefe de policia o barão de Quarelly, e vivia-se em Porto Alegre o primeiro brado de rebelião, proclamando o coronel Heitor Gonçalves da Silva não depor as armas, e quando o presidente não deposesse o poder, e como quando logo depois as hostilidades com tentativas andava. Tal foi o primeiro passo dado para esse especulo heroico e medonho de que foi theatre constante por espaço de dez annos a infeliz provincia de Porto Alegre, não tendo em vista a guerra civil que se travou, e sendo um dos seus mais heroicos episodios, o combate de Poncho Verde, passamos por alto sobre os factos celebres da Ilha de Laçoes, Rio Pardo, Tapary e os laes de Norte para entrarmos na apreciação do facto de que nos propuzimos occupar. Bastando o barão de Laçoes do exercito imperial a seu commando uma divisão ás ordens do brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, anim de perseguir o chefe revoltoso Luciano de Lacerda Caballero, faz este junção nas immedições de Poncho Verde com os generaes republicanos Bento Gonçalves, João Antonio e Netto, e ali resolveu não aguardar a chegada do inimigo que não se fez por muito tempo esperar. A 20 de Maio de 1838 pela uma hora da tarde, achavão-se em campo mais e a tiro de fuzil as forças de um e outro lado; constando as dos imperiaes de 755 infantes e 852 cavalheiros, e as dos republicanos de 1300 homens em quasi sua totalidade de cavallaria. Estas últimas, tomadas a offensiva, precipitaram-se com indomavel furia sobre os esquadrões imperiaes, que sempre desleias a cada carga, vinão organizar de novo suas fileiras no espaço dos quattrhos de infantaria que, ficando uma massa solida e compacta, vião sobre si depararem-se as temíveis lanças de seus adversarios. A pelaja, por tornarem-se geral, continuava mais e mais colorosa, sem que a sorte da victoria parecesse inclinar-se para algum dos combatentes. Nestas circunstancias os chefes republicanos, vendo a impossibilidade de romper os quadros que, aquilados á beira de um riacho, haviam recolhido á seu centro os cavalheiros que ainda combatião nos flancos, e tomando licença um espaço momento para se elevar de sul — quando por uma tropa de estallos que vinha do Estado Oriental

# THESE HISTORICA.

## COMBATE DE PONCHE VERDE.

Uma grande excitação moral, motivada pela anarchia em todos os ângulos da provincia, as dissensões e tumultos que se davão de continuo entre as autoridades da capital e o desprestigio em que cahira a classe militar em todo o Imperio, já ha via arraigado nos animos o germen fecundo da revolução; e a não serem estas as razões allegadas como a origem de uma guerra civil que avultou em tão estranhas proporções, somos tentados a considerar como sua principal e verdadeira causa a politica astuciosa e traiçoeira do governo que, cioso do augmento progressivo da provincia, e temendo desde então, como ainda agora, o ardor bellicoso de seus filhos, procura sempre infiltrar-lhes nas veias o veneno corrosivo da discordia, para, aniquilando-os e roubando-lhes a seiva de sua vitalidade, afastar dos altos poderes do Estado a influencia a que tem direito como guarda avançada em todos os transes difficis em que até hoje se tem achado o paiz.

Com effeito, a 18 de Setembro de 1835, sendo presidente o desembargador Antonio Rodrigues Chaves e chefe de policia o barão de Quarahy, ouviu-se em Porto Alegre o primeiro brado de rebellião, proclamando o coronel Bento Gonçalves da Silva não depôr as armas, emquanto o presidente não depozesse o poder, e começando logo depois as hostilidades com temeraria audacia.

Tal foi o primeiro passo dado para esse spectaculo heroico e medonho de que foi theatro constante por espaço de dez annos a infeliz provincia de S. Pedro do Sul; como, porém, não temos em vista commentar os factos da revolução, senão um dos seus mais notaveis episodios, o combate de Ponche Verde, passaremos por alto sobre os feitos celebres da ilha de Fanfa, Rio Pardo, Taquary e S. José do Norte para entrarmos na apreciação do facto de que nos propuzemos occupar.

Destacando o barão de Caxias do exercito imperial a seu commando uma divisão ás ordens do brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, a fim de perseguir o chefe revolucionario David Canabarro, fez este junção nas immedições de Ponche Verde com os generaes republicanos Bento Gonçalves, João Antonio e Netto, e ahi resolverão aguardar a chegada do inimigo que não se fez por muito tempo esperar. A 26 de Maio de 1843 pela uma hora da tarde, achavão-se em campo raso e a tiro de fuzil as forças de um e outro lado; constando as dos imperiaes de 765 infantes e 859 cavalleiros, e as dos republicanos de 1800 homens em quasi sua totalidade de cavallaria. Estes ultimos, tomando a offensiva, precipitarão-se com indomavel furia sobre os esquadrões imperiaes, que sempre desfeitos a cada carga, vinhão organizar de novo suas fileiras ao abrigo dos quadrados de infantaria que, formando uma massa solida e compacta, vião sobre si quebrarem-se as temiveis lanças de seus assaltantes. A peleja, pois, tornando-se geral, continuava mais e mais calorosa, sem que a sorte da victoria parecesse inclinar-se para algum dos combatentes. Nestas circumstancias os chefes republicanos, vendo a impossibilidade de romper os quadrados que, apoiados á beira de um mato, havião recolhido á seu centro os cavalleiros que ainda combatião nos flancos, e tomando (dizem) um espesso nevoeiro que se elevava do sul — (causado por uma tropa de cavallos que vinha do Estado Orien-



tal) — por um auxilio que chegava aos imperiaes, couvierão desistir de um ataque que tornaria inutil e desastrado o proprio

Em consequencia d'esta resolução, tocando retirada e proclamando-se vencedores, levarão consigo toda a cavallada e bagagem dos imperiaes que, não obstante, ficando senhores de sua posição, se julgavão com direito ao mesmo titulo. A mortandade que foi igual de parte a parte chegou a perto de 1000 homens.

Assim, depois de duas horas de sanguinosa e posfiada lucta, onde erão combatentes irmãos iguaes em odio e valor, teve este cruento drama por desenlace a perda de mil vidas n'uma batalha duvidosa. E erão estes aquelles mesmos partidos que então se disputando a victoria, havião d'ahi a dous annos, sob os mesmos chefes, sob os mesmos arraias, e contemplando ainda os destroços de uma peleja recente, suffocarem-se em lagrimas de alegria e unirem-se em amplexos de amizade — voltando a restituir aos desolados lares a tranquillidade que lhes furtára tão calamitoso decennio. E com effeito foi n'esse mesmo memoravel Ponche Verde que o general republicano David Canabarro fazia entoar os primeiros canticos da paz, que era logo do modo mais digno e honroso para a provincia, proclamada pelo general imperial então barão de Caxias, nas margens do Rio Santa Maria a 1 de Maio de 1845.

Porto Alegre Agosto de 1868.

F. A. F. da Luz.

**Quartel-general do commando em chefe do exercito junto ao Passo de R. Pedrito 3 de Junho de 1843.**

**ORDEM DO DIA ADDICIONAL N. 51.**

Camaradas! A 2.ª divisão do exercito que atravessou o rio Santa Maria no Passo do Rosario, afim de perseguir o caudilho David Canabarro, que se dirigia a Alegrete, a qual margeando depois o dito rio pela esquerda devia fazer junção com o grosso do exercito nas immedições de Bagé, perseguiu de tão perto aquelle caudilho, que tendo-lhe derrotado e tomado grande porção de cavallos, artilheria e bagagem, etc., como já vos annunciei na minha ordem do dia n. 47, o obrigou a chamar em seu soccorro os chefes rebeldes Bento Gonçalves, Netto, João Antonio, e todas as mais forças da intitulado republica, que fugindo ao encontro do grosso do nosso exercito, se achavão pelas immedições de Bagé; e sabendo elles que a referida divisão estava reduzida a 759 cavalleiros e 665 infantes, por haver destacado 700 combatentes com o coronel Arruda para a mencionada villa de Alegrete, sizerão junção nos arredores de Ponche-Verde; e ali em numero de 2,500 rebeldes e alguns orientaes, capitaneados pelo caudilho Santander, esperarão nossos bravos.

Com effeito pela uma hora da tarde do dia 26 do mez proximo passado a referida divisão que vinha em marcha, em campo raso proxima á casa dos Cunhas, se achou á vista de todo o exercito inimigo: immediatamente os batalhões 3.º de fuzileiros e 9.º de caçadores formarão quadrados em echelon, collocando-se nos flancos os corpos de cavallaria de guardas nacionaes ns. 3, 8, 9 e 12, e assim esperarão o ataque. Vendo o inimigo o garbo de nossas forças, apesar da desproporção do numero, hesitou por algum tempo, até que podendo contornal-as, carregou por todos os lados; a peleja se tornou geral, nossa cavallaria com aquella bravura que tanto a distingue, e da qual tem dado tão sobejas provas, repelliu com galhardia as cargas, e a seu turno carregou sobre elle, vindo por diversas vezes reformar-se ao abrigo dos quadrados, quando por forças duplas foi atacada, abrindo sempre brecha nos esquadrões inimigos que ousarão resistir-lhe. Nossa infantaria, segundo a parte do Sr. brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, commandante da citada divisão, e o testemunho de todos os que presenciarão o combate, obrou prodigios de valor, quer resistindo ás cargas de cavallaria que o inimigo fez sobre ella, quer repellindo o fogo dos

dois batalhões da infantaria rebelde que tentarão atacal-a ; e o mesmo Sr. brigadeiro confessa terem sido os quadrados do 3.º batalhão de fuzileiros e 9.º de caçadores, os baluartes inexpugnaveis onde tantas vezes se refizerão nossos cavalleiros, sendo para admirar que dois batalhões tão novos e que pela primeira vez entrarão em combate regular, mostrassem que em nada são inferiores aos veteranos batalhões d'este exercito, que já em Taquary e S. José do Norte levarão o espanto e o terror ao meio das fileiras d'esses mesmos rebeldes. O inimigo depois de mais de duas horas de combate, vendo que nenhum resultado tirava, além de alguns cavallo da reserva da divisão, que a elle mesmo tinham sido tomados, e que já alguns de seus corpos estavam reduzidos á metade da força com que havião entrado em combate, que seus soldados recusavão encarar de perto os nossos e que o campo de batalha achava-se juncado de seus cadaveres, retirou-se confuso e abatido, e de certo seria perseguido se o estado de nossos cavallo o permittisse.

O inimigo deixou no campo cerca de cem mortos, entre elles cinco inculcados officiaes, teve perto de 150 feridos e para mais de 300 extraviados ; no entanto que de nossa parte apenas tivemos 1 tenente, 2 officiaes inferiores e 31 soldados mortos ; 4 officiaes, 5 inferiores e 28 soldados gravemente feridos ; 3 officiaes, sendo um d'elles o Sr. brigadeiro commandante da dita divisão, 6 inferiores e 18 soldados que receberam feridas leves, além de um tenente que sendo ferido, ficou prisioneiro.

Particularisar a todos os individuos da predita divisão que se distinguirão seria impossivel, porque todos se portarão com bravura, porém elles podem ficar certos de que conservarei seus nomes em memoria, e os levarei á augusta presença de S. M. o Imperador que saberá galardoal-os como tanto merecem ; limitando-me a louvar a conducta do supradito Sr. brigadeiro, e o denodo com que se portarão os Srs. coronel Antonio de Medeiros Costa, commandante da brigada de cavallaria, tenentes-coroneis Luiz Manoel de Lima e Silva, commandante do 9.º batalhão de caçadores, João Propicio Menna Barreto, commandante do 3.º corpo de cavallaria, Manoel Adolpho Charão, commandante do 12 corpo, José Joaquim de Andrade Neves, commandante do 9.º de cavallaria, José Ignacio da Silva Ourives, commandante do 8.º da mesma arma ; majores Francisco de Lima e Silva, commandante do 3.º batalhão de fuzileiros, Agostinho Gomes Jardim e João Antonio Severo, o primeiro do 3.º corpo de cavallaria, e o segundo do 12 corpo da mesma arma.

O Sr. brigadeiro commandante da 2.ª divisão muito elogia a conducta dos officiaes do seu estado-maior, e faz especial menção do capitão meu ajudante de ordens que servia então de major de divisão Pedro Maria Xavier de Oliveira Meirelles, pelo bem que se portou no combate, animando os soldados com repetidos vivas a S. M. o Imperador, e communicando suas ordens com promptidão, offerecendo-se logo depois d'eile para ser portador da parte que dirigiu ao seu quartel-general, tendo de atravessar durante a noite oito leguas por lugares occupados por partidas inimigas ; e bem assim da bravura que apresentou Demetrio José Ribeiro, que sendo tenente-coronel a serviço dos rebeldes, abandonou a sua causa, apresentando-se-me para fazer parte do exercito.

*Barão de Caxias,*

General em chefe.

# O CELIBATO

## EPISTOLA III.

De novo a penna empunho alegremente,  
Pretendo convencer-te, embora morra  
Minha voz de tua alma no deserto ;  
Não nego da verdade o santo auxilio  
Aos proprios inimigos, seus preceitos  
Vou a todos mostrando, em vão que fôra,  
Quanto mais a ti, meu caro Pylades !

Sabes que a discussão devéras amo,  
Nobres luctas a todos proveitosas.  
Discutamos, portanto.....

Agora ri-me

Ao pensamento estranho que passou me  
Celere pela mente.

O céo troveja

Terrível tempestade açoita o tecto,  
Onde calmo te escrevo. Mas se agora  
Electrica scintilla me abatesse  
Junto á tinta, ao papel, eximias armas  
Do seculo que vai, o que dirião  
Os phariseus ignobeis, vão escribas,  
Hostis ao matrimonio? Diz me, amigo ;  
— Foi castigo — ; não é? Conheço a lamina  
Com que ferem tartufos miseraveis  
E vendilhões do templo, sei que lanção  
No terreno maninho da ignorancia,  
Nos simples corações do povo rude  
Taes sementes que brotão, que vicejão  
Como a má herba nos incultos campos.  
Deixemol-os, porém, ao lodo entregues  
Volvamos ao mister que nos occupa.

Recebi tua carta e fiquei triste  
Ante a mudança que do dia em dia

Operando vai-se em ti ; não és o mesmo.  
Não pensas mais, os dogmas apresentas  
Como egide robusta em que se embotão  
Do raciocínio ingente os golpes fundos ;  
Os textos do latim do— *Flos Sanctorum*—  
Phrases da Imitação, quaes chuvas tombão  
Sobre minha miserrima pessoa.  
O engenho é ociosa faculdade  
Para quem saturou-se em theologia,  
Em fastos dos concilios e outros tantos  
*Honestos bacamartes?*

Não te afflijas

Se fallo sem respeito d'esses livros  
Que pesão na memoria sem proveito.  
A religião tão pura do Calvario  
Não falla d'elles, a doutrina deu-nos  
No coração escripta como em marmore,  
Perca-se o Evangelho e sempre fulgida  
De frescas forças cheia irá trilhando,  
Que a verdade não morre, vive sempre.  
Finde o mundo, não haja mais um crente  
E ella ainda viverá na eternidade.

Pasmei ante a fraqueza que te curvã!  
Tu sublimas a vida de Thereza ? !  
Tu queres imital-a, meu amigo  
Queres o extase-febre da virtude,  
Delirio das idéas, o impossivel !  
Tu admiras Macario na Thebaida,  
Simeão na columna, retirado  
Do mundo, de miserias, como o chamas !  
Com entusiasmo me fallas de Jeronymo,  
Em mysticos arroubos vais tão longe,  
Que o mundo esqueces, nem sequer o tocas !

Crês o ascetismo o fim d'um ente livre ?  
Antes de Valmiky no berço olente,  
Ao pé do sacro Ganges te retires ;  
Ahi tens para exemplo heróes de pedra  
Nas *saquies* immoveis como estatuas,  
Que na mesma attitude mezes licão !  
Antes vai a Ispahan, ahi desviches,  
Sectarios do Koran te ensinem doutos  
Como se passão horas de indolencia,  
Como se como fogo e corta o corpo . . .  
Amigo, procurando tal caterva,  
Procuras a materia, a inercia, o nada,  
Satisfeito te julgo em teus delirios ! . . .

Estás doente, temo taes transportes . . .  
O homem é só espirito ? responde.  
Não, pois em si concentra dois principios,  
Logo abrange o dever esferas duas,  
Uma á substancia simples se refere,  
Outra d'argila á tunica pertence.

Deus assim nos creou de céu e terra,  
P'óz-nos entre a materia e seus archanjos.  
A vida social que sente e pensa,  
Vida de duplos moveis, essa é nossa.  
Sejamos a harmonia de dois mundos  
Não descãmos ao mundo da alimarin,  
Não subamos ao mundo, além dos astros,  
Além do que comporta humana força.

Do matrimonio fazes um 'perigo,  
Contas uns teus amores inditosos  
De tempos que se forão (gratos tempos ! )  
Blasphemias de mulheres fementidas,  
E crês que outra victoria ainda alcanças.  
E' bella a conclusão ! Os teus amores,  
Cem mil mulheres mais que traga a historia,  
Não servem de argumento que fulmine  
Da familia a divina magestade,  
As virtudes da esposa e o terno seio  
De carinhosa mãe.

Em vão blasphemias !

Uma lei natural eterna vive.  
Suppõe que assim pensasse o orbe inteiro,  
Que ardente ao celibato se entregasse,  
E diz-me quem a terra habitaria ?  
Os decretos celestes quem cumprira ?

Da solidão fizeste a apothéose,  
Exclamando enlevado : « O' doces 'gozos  
« Que a solidão derrama em nossa vida !  
« N'ella doirados sonhos á alma descem,  
« O diaphano anil dos ares limpidos  
« Na consciencia escôda, amenas auras  
« O coração perfumão, tudo é grato,  
« No tugúrio em que mora o cenobita,  
« Na mansão affastada dos tumultos  
« Que remoinhão sempre nas cidades,  
« Alcoices de miasmas que mareão  
« Do espirito a candura. Horas se passão  
« No regaço de Deus, o contemplando.  
« Com Jehovah e Jesus a sós vivemos.  
« Não temos exigencias d'uma esposa  
« Nem dos filhos os gritos importunos. »  
E' arroubo poetico? Não creio. . .  
E' doença, *bluc-devils* que consomen  
Tão bella intelligencia d'outras éras.  
Tão forte compleição de que eu pasma va.  
Estás qual de Vigny o pobre Stello.

O padre não se fez para o silencio,  
Seu cajado um rebanho, com cuidado,  
Guia ao vale prolifico d'aurea cronça;  
Suas vozes não são para o deserto  
E sim para as cidades, para os homens,  
Onde ha a creatura que duvida,

Que sofre, que não crê, onde dos erros,  
Com passo destemido o espectro vaga,  
Onde as paixões refervem nos abysmos,  
E a virtude de vícios se rodêa.  
E'hi o longo estadio da jornada,  
Hi estão esses marcos que elle deve  
Ir correndo, romeiro do Evangelho.

Deus diz a seus levitas: Eis o campo,  
O coração humano quer cultura,  
Semêem a verdade — eis o trabalho.  
Não germine o joio junto ao trigo,  
Ao agrão não misture-se a cicuta.  
Mondem a gleba desvelados sempre,  
Eu farei a colheita, e ai d'aquelles  
Que o mandato esquecerão, descuidosos!  
Por cada fructo eivado que eu recolha,  
E por cada semente que me falle  
Para elles uma pena e sempiterna!

Vês? E' util o padre nos conflictos  
De interesses que embatem-se entre os povos,  
Sua missão esteril no silencio.

Não venhas contestar-me com o sabio,  
E o poeta que vivem solitarios.  
Camões, eis um exemplo, á negra gruta  
Silente de Macão, com ledice,  
Dias, semanas, mezes s'entregava.  
Porém Camões deixou-nos os Luziadas;  
Pelico sepultado de Spielbergue  
Em feio calabouço lega um livro  
Que faz-nos bemdizer-lhe a mésta sorte;  
Newton no isólamento, como o vulto  
Que a prisca Syracuza immortalisa  
Arcanos devassarão da sciencia.  
Esses na solidão nos derão fructos;  
Mas o immoto Stylita, diz-me, amigo,  
Que memoria deixou além d'aquella  
Que Erostrato recorda aos tempos d'hoja?

Se Noé os lagares descobrira  
Para a vinha expremar saudavel succo,  
Tubalcaim o ferro fabricára,  
E outro a mó que a semente em pó transforma,  
Fica certo, lhes deve o mundo inteiro  
Mais gratidão que aos áscetas que elevas,  
Preconisas em sonhos delirantes.

Terminando, repito como sempre:  
Maldito o que mutila a natureza!  
Maldita a lei que o sacrilegio ordena!  
Empenhei-me na liça, espero soffrego  
Que me respondas á estirada epistola.

# POESIAS.

## NÃO SCISMES.

### I.

Que sonhos feticios são esses que envolvem,  
tua alma encoberta por candido véo ?  
são gratos enlevos, ó limida virgem,  
que gozão, que sentem os anjos no céu ?

Será por saudades, por crença ou esperança  
que scismas tão triste, que pensas assim ?  
Ou são os arreubos dos sylphos que fallão,  
que fallão voando nos ares sem fim ?

Serão as lembranças da infancia querida,  
que assim tão dormente te fazem scismar ?  
ou é que no peito, já preso de amores,  
desbrochão as flores com teu meditar ?

Não scismes mais, linda virgem,  
oh! não medites mais, não;  
já me chora o coração  
por te ver assim penar.  
Tem fé no amor, feliceira,  
deixa tu'alma sorrir,  
não queiras a Deus mentir  
tentando ao peito enganar.

E's virgem, formosa e casta,  
és innocente e criança;  
e se tens'n'alma a esperança,  
porque a fazes soffrer ?

Não scismes mais, ó donzella,  
não 'entristeças assim.  
Ergue a fronte, cherubim,  
que o scismar faz padecer.

Ergue a frente, linda pomba,  
esquece a dor, esse enleio;  
deixa o sorriso em teu seio  
acalmar os sofrimentos :  
O' não sejas tão calada  
n'um retiro, suspirosa,  
como a rolinha queixosa  
que á veiga solta lamentos !

Esquece a dor, virgemsinha,  
ergue essa frente singela,  
que és a mais linda estrella  
em céu sereno a brilhar;  
Ah! não quieras ver tão cedo  
teu coração innocente  
viver triste e descontento  
n'esse fundo meditar !

## II.

Casto enlevo que um peito de criança  
alimenta na fé mais pura e viva,  
doce illusão que n'alma da donzella  
entre visões de amor ergue-se altiva !

Nasce do sonho. E a mente vaporosa  
que um ideal formou em mundo vago,  
se julga que respira só perfumes  
vai sorvendo a cicuta trago a trago.

Meditação!.. Sonhar amargo e doce  
que as trevas occultar em vão deseja ;  
rosa galante que o espelho acata  
e mata o colibri que em torno adeja.

Lago profundo onde a lua argentea  
banha-se núa prateando as aguas;  
é manso e bello, mas no leito fundo  
guarda-se o lôdo que prediz as magoas.

Orla de fumo em espiral formado  
que pouco a pouco se toldou nos ares,  
globo de gelo que tornou-se liquido,  
e jaz perdido na extensão dos mares.

Oh! não acordes, ou não durmas nunca  
entregue ao goso de illusões tão bellas !  
são puras nevoas que esvaecem logo,  
e a vida pôde esvaecer com ellas.

---

Sim ; que o scismar é um tormento d'alma  
nectar envolto de letthal cicuta,  
é veneno cruel ! . . .



E ai d'aquelle que, perdi la a-calma,  
em vão tentando não cair na lucta,  
suga-lhe o fel.

Vem o delirio atormentar-lhe ao leito,  
atroz martyrio de um punhal que offende,  
e a fé perdida !

suffoca a angustia o coração no peito,  
contorce irado, mais a dôr se estende,  
foge-lhe a vida !

Criança loira que lá corre anciosa,  
atraz da branca borboleta erguida  
sobre a flôr ;

e n'essa louca embriaguez que gosa,  
não sente o cardo que lhe rouba a vida,  
não sente a dôr !

Assim a virgem que no peito sente  
a chamma doce de um amor profundo,  
pensa e delira . . .

fogem-lhe as horas n'um scismar ardente,  
depois desperta, reconhece o mundo,  
tudo é mentira !

### III

E tu dizes que não amas,  
que do peito não reclamas  
mais ardor, constancia e fé ?  
Para que teu labio mente,  
se teu olhar innocente  
diz a verdade qual é ?

Eu não maldigo da sorte  
de quem sente, e tem por norte  
um amor candido e puro ;  
E' o anhelô de uma virgem  
é santa e casta vertigem,  
é a crença de um futuro.

Mas por amar o — soffrer —  
por um riso o — padecer —  
até na tumba finir !  
Oh ! isso, donzella, não,  
não deseja um coração  
que não sabe o que é scismar.

Só deseja quem dormita  
sonhando como o levita  
que vive nos pés do Senhor !  
E depois d'esse sonhar  
quem ama no meditar  
e não tem fé n'esse amor.

Ohi ! não medites mais, casta donzella,  
 nas doces illusões que vêm de um sonho,  
 que a alma faz chorar ;  
 Para ti guarda o mundo, porque és bella,  
 um formoso viver sempre risonho,  
 um peito a te adorar.

E quando d'este mundo tristemente  
 pensativo eu descer dos sonhos meus  
 aonde me confranjo ;  
 depois adormecer eternamente,  
 e para os céos voar, direi a Deus  
 que és na terra um anjo !

Porto Alegre.

S. Brito.



# A CUNHA VASCO.

Eu li teus versos, inspirado moço,  
E attonito fiquei sentindo o genio  
Que te reserve n'essa fronte augusta,  
Meu nome celebrar em aureo metro;  
N'esse que apenas só é dado a poucos  
Com graça modular na lusa phrase.

A aguia soberba que no céu da gloria,  
O sol abrasador lita sem medo :  
As longas azas retrahiu, baixou-se,  
E quiz depois arrebatat comsigo,  
A timida avesinha que abrigada,  
A' sombra da indiferença não conhece,  
Outro horisonte que não seja aquelle,  
Onde medrosa e pipilando ensaia  
Os rastejantes vôos.

Na eruel solidão de affectos meigos,  
Em que tu, meu poeta, vês passarem,  
Da mocidade os teus mais bellos dias :  
Nunca se te inundou de pranto a face,  
Ao ver por noute calma a lua em ondas,  
Espargir um clarão que nos fascina,  
Nos leva ao mundo de acordados sonhos ?  
Talvez, buscando, d'esse pranto a origem,  
Trouxesses á memoria a leda infancia,  
O conforto do lar e os mil affagos,  
Que em pequenino os teus irmãos te derão.  
— Delicias que só podem ser julgadas  
Ai, por quem como nós vaga no exilio !—  
Depois, fitando o teu olhar saudoso  
No azul do mar ou na campina verde,  
Sentisses n'alma aquella dor immensa,  
Que inda nome não tem na lingua humana :  
Ser moço, e sem amar, morrer d'amores !—  
Como tu, meu poeta, eu sinto na alma :—  
Medonha solidão, escura noute !  
Como os teus dias, os meus dias correm,  
Sem que d'um brando affecto os doces laços,  
Me prendão com amor ao mundo e á-vida !  
Ai quantas vezes no silencio triste,  
Das noutes desvelladas, eu pergunto  
A mim, a Deus, á minha sombra, a tudo :  
Que vale ter no peito um cofre aberto  
A's brandas sensações, e vel-o apenas  
No seio enthesourar negra saudade !...  
Então n'esses instantes melancolicos,  
A musa da tristeza, a minha fada,  
Vem debruçar a loura cabecinha  
Sobre meus hombros, e cicia os cantos,

Que a ti, com timidez, com susto ás vezes,  
Em busca da lição, eu hei mostrado.  
Mas é de balde, que o segredo magico  
Não se transmite ! esse condão do genio,  
Recebem-n'o de Deus os seus eleitos,  
E quando a pedra tumular oscobre,  
Rasga a materia a emanação divina,  
Vai para Deus, deixando á terra um nome,  
Assemble ás gerações, ao mundo assombro !

Quando nos versos teus fito meus olhos,  
É unidas vejo com tão raro acerto :  
Fórma severa, idéa peregrina,  
E tudo a respirar um sentimento,  
Tão cheio de purissima candura ;  
Ai, crê minh'alma no seu grato arroubo,  
Que alli no teu cantar palpita a queixa,  
De criança chorosa a quem roubarão,  
O enlevo de seus olhos, o seu brinco.  
Tanto mimo e ternura o canto encerra !  
Então... não sei... mas um presagio negro,  
Medonho, horrendo, me esvoaça em torno,  
Da douda fantasia á dor propensa !  
Receio, ouvindo-te, oh meu branco cysne,  
Que a morte impiedosa, venha e exclame :  
—Na terra quem a voz d'anjos imita,  
Não é da terra, a seus irmãos pertence !—

Eu sei que o meu temor é como as aves,  
Pairando ao longe sobre o nada firmes,  
São extremos talvez do muito affecto,  
Que ao mancebo tambem prende a minh'alma ;  
Mas quem viu com saudade abrir-se um tumulo,  
E n'elle ir-se esconder na flor dos annos,  
O mimoso cantor das *Primaveras* :  
Tambem por ti deve temer, oh bardo !  
Sempre foi esta do talento a sina !  
Começa a gloria á entretecer grinaldas,  
E a morte inclina-se a plantar cyprestes !  
E tu que de repente—avé sublime—  
Os echos da floresta assim acordas,  
Com taes preludios que emmudecem cantos :  
Sim, tu, cujo talento irrompe fervido,  
D'esse teu craneo, como irrompe a lava,  
Do seio de uma volcão; diz-me : é loucura,  
Dar o meu coração lugar ao medo,  
E na mente abrigar tristes presagios,  
Se tudo em ti já denuncia um genio ?...

Esquiva-te, porém, á voz do susto,  
Que a lei fatal aos labios meus impelle.  
E' bella a vida, e tu és moço; oh canta,  
Que eu vendo-te, qual és, criança ainda,  
Um colosso futuro em ti prevejo !

1869, Setembro 15.

Gonçalves Junior.

# CHERUBIM DE AMORES

(RECITATIVO)

A'.....

Era de noite... dos ipés á sombra,  
Na verde alfombra te beijava terno;  
E no teu rosto de brilhante alvura  
Quanta doçura de um amor superno!...

Eramos juntos!... Desmaiava a lua  
Na fronte tua de mortal pallor;  
Convulsa, tremula, empallidecias  
Porque temias meu febril amor.

Tu me fallavàs, temerosa, meiga,  
Como na veiga a jurity que chora;  
Casado o pranto ao estalar dos beijos,  
Loucos desejos de quem muito adora!

Tu me sorrias n'um sorrir d'archanjo,  
Eras meu anjo, meu amor, meu Deus;  
Louco, perdido, me entreguei contente  
E docemente aos mil affagos teus.

Ebrio d'amores duvidei da vida,  
Julguei mentida tão ditosa scena,  
Julguei sonhar em um febril delirio  
Doce martyrio que o penar serena.

Eramos sós e dos ipés á sombra,  
Na molle alfombra te fallava a medo;  
A viração louca soltava queixas,  
Tristes endeixas em subtil segredo.

Em meu regaço adormecestes bella,  
Sublime tela de innocente amor;  
Cerraste os olhos á um beijo meu,  
No rosto teu de sepulchral pallor.

Oh n'esse beijo quanto amor bebi,  
Quanto sorvi de tua alma virgem  
Nem mesmo sei, pois julguei sonhar  
Ou delirar em divinal vertigem.

Era bem tarde! gemedora a brisa  
De leve alisa dos vergeis as flores;  
E d'entre os ramos dos ipés transluz  
Serena luz em cherubim d'amores.

Julho de 1869.

Achylles Porto Alegre.

# A MISSA DO GALLO.

(Fragmento d'um livro.)

(CONTINUAÇÃO.)

## DESARRANJOS CONJUGAES.

Ambrozio da Silveira tinha descido para a loja de negocios, deixando sua mulher no toucador luctando com uma alluvião de idéas extravagantes, que lhe tumultuavão no cerebro.

Que a sumptuosidade do luxo, e a praga das modas, que continuamente importamos do estrangeiro, são os principaes motores da corrupção dos costumes sociais, é para nós um problema resolvido.

Quasi podemos affirmar que a demasiada prodigalidade com que Ambrozio satisfazia as exigencias de sua cara metade, concorrerão para os derrancamentos de sua alma!

Na existencia social da mulher, por indole — vaidosa, — ha sempre um vaeuo, um anhelo a satisfazer.

A sêde insaciavel dos desejos multiplica-se á medida com que se vai satisfazendo, e ai do desventurado marido que leva a sua complacencia a tolerar a realisacão do ultimo, que a queda da mulher é inevitavel.

Angelina habituada a ver todos os seus caprichos satisfeitos, encontrou-se um dia no espelho e disse — Sou bonita, moça e rica! meu marido não se poupa em collocar-me pelo esplendor do luxo acima de minhas companheiras; porque não hei de tambem ter um amante?

Este desejo de possuir um amante não se manifestaria em Angelina, se o desventurado marido, em lugar de pianos, brilhantes e sedas, lhe dêsse agulha e linhas afim de entreter-lhe o espirito nos amanhos domesticos.

Em frente á casa do Sr. Ambrozio morava um moço chamado Eduardo.

Os attractivos d'este personagem tinham chamado mais de uma vez a attenção de Angelina.

As inclinações pronunciarão se mutuamente nos reflexos vagos da poetica luz crepuscular, que seja dito de passagem, a Sra. Angelina tinha o seu *qué* de poesia!

Os aventureados visinhos passarão rapidamente das formalidades de um cumprimento glacial, aos olhares significativos, e logo em seguida aos poeticos devaneios de uma correspondencia epistolar.

Angelina dominada pela idéa da prevaricacão tinha dado o primeiro passo na senda do crime.

Cumpre-nos fazer aqui uma observação, que longe de isentar Angelina do crime do adulterio, não deixa contudo de attenuar-lhe a culpabilidade.

Ámbrozio da Silveira, posto recômmendar-se pela robustez de um physico agradável, tinha gasto o vigor da mocidade nos desenfreamentos de uma vida desregada. Alquebrado pela velhice e pelo abuso dos praseres que o privarão do exercicio de suas funcções, não foi sem grande descontentamento que o bom do velho se viu prohibido de perpetuar pelo matrimonio a illustre próle dos Ambrozios Silveiras.

A' vista d'esta circumstancia, aliás pouco lisonjeira para um cabeça de casal, a joven e bella Angelina procurou no exterior um ambiente mais perfumado e vigoroso, que o que respirava na atmosphera abafadiça do lar domestico.

Este acontecimento monstruoso sirva do mais solemne protesto contra o matrimonio contrahido entre um velho decrepito com uma moça cheia de vigorosa vitalidade!

Angelina tinha dansado com Eduardo no ultimo baile da soirée, onde combinarão uma entrevista amorosa, que deveria ter logar na occasião da missa do gallo.

Com as idéas embebidas exclusivamente nas delicias de um praser futuro, Angelina não pudera dormir tranquilla, como o demonstramos no capitulo antecedente.

A hora fatal da entrevista approxima-se.

Veremos agora se os dois amantes forão felizes n'essa criminoso aventura.

### III.

## O JURAMENTO E O ADULTERIO.

O sol ardente do dia 24 de Dezembro de 1861, que tinha raiado esplendido, declinára no occidente encoberto por um espesso véo de nuvens pardacentas.

O vento sul principiava a soprar forte, e de quando em quando a luz momentanea do relampago atravessava o espaço.

Não obstante a revolução dos elementos presagiar uma noite tenebrosa e ameaçadora, as familias cruzavão as ruas d'esta cidade em demanda dos vapores, que do trapiche da alfandega partião para a localidade do Menino Deus, onde o povo convergia a saudar o nascimento do Redemptor do mundo!

A's 11 horas da noite, porém, já reinava o silencio.

Apenas algumas familias mais devotas atravessavão a praça com o fim de assistirem á missa do gallo.

O vento que soprava com violencia tinha apagado a maior parte da illuminação publica.

A noite continuava borrascosa e ameaçadora.

Nenhuma só estrella rasgava aquella uniforme escuridade do firmamento!

Apenas alguns raios de luz coados pelas janellas do templo reverberavão nos edificios fronteiros.

E todavia a igreja apinhava-se degente!

Uma boa parte da nossa luzida sociedade alli se achava ajoelhada e contricta ante a imagem de Deus e do gracioso encanto do berço de Bethlem!

Perto do altar-mór permanecia de joelhos um vulto de mulher.

Com os olhos fixos nas orações do Evangelho, parecia que a irradiação do amor divino lhe inundava a alma de suavidade e luz !

De repente um movimento geral se manifestou na multidão dos crentes, que tomavão unânimes uma attitude respeitosa.

Era a imagem veneranda do sacerdote, que approximando-se do altar, ia principiar o sacrificio da missa.

O vulto da mulher de que acima fallamos, não querendo espedir aquelle momento de agitação, evadiu-se furtivamente pela porta da sacristia, sem que fosse presentida.

Alguns minutos depois aquelle mysterioso vulto permanecia atraz da igreja calado e quedo, como a estatua do silencio !

A luz de um relampago illuminou o rosto d'essa mulher, em cujas feições se distinguirão todos os traços phisionomicos de Angelina da Silveira !

Aquelle clarão electrico illuminando rapidamente o velho cemiterio, que a mão *civilisadora* de nossa diocese transformára em seminario episcopal, desenhou aos olhos de Angelina uma alluvião de visões phantasticas que a fizeram estremecer de pavor !

Angelina, inda que tomada de susto e terror, esperava resoluta o seu querido Eduardo.

Elle, porém, não se fez esperar. Surgindo d'uma especie de batraca onde se tinha occultado, correu a abraçar sua extremosa amante.

— E's tu, Angelina ? ! meu anjo, quanto sou feliz em abraçar-te !

— Eduardo, não sabes a quanto me exponho por tua causa ! Estou assustadissima ! muito pôde o amor no coração da mulher que te adora !

— Angelina, eu sei avaliar, pelo perigo a que te expozeste, a extensão do amor que me consagras, e permitta o céo que nos affagos de meu peito, encontres a recompensa de teus sacrificios.

— Ah ! Eduardo, este momento de suprema felicidade pago com a vida, não era caro !

— Eu te agradeço, meu amor ; mas diz, como foi que podeste vir aqui ?

— Muito bem, Eduardo ; como sabes, o meu marido para fugir aos apertos da igreja, fica sempre no adro á espera que acabem as solemnidades religiosas.

— Comprehendo, Angelina ; não temos tempo a perder ; dá-me um beijo, disse Eduardo, agarrando-a violentamente pelos pulsos.

— Eduardo, não abuses de minha fraqueza ; não exijas de mim mais que os protestos de um sentimento affectuoso ! disse Angelina, cedendo comtudo aos impulsos do arrebatado amante.

Após alguns momentos de lucta silenciosa, Eduardo proseguiu :

— Não te esquives, Angelina, dá-me um beijo, um só.

— Não, Eduardo, ainda não . . . sim . . . eu não queria cair no teu desagrado, mas . . . não . . . receio . . . receio muito que a tua leviandade de moço me comprometta, que vás divulgar o segredo de nosso amor.

— Eu te juro, Angelina, pelas cinzas de minha mãe ! este segredo irá commigo ao tumulo !

— Mas se uma circumstancia qualquer nos descobrir aos olhos da sociedade ?

— Que importão os preconceitos sociaes quando a voz da natureza brada tão alto ? Despe esses temores e deixa que eu comprima d'encontro ao meu o teu collo voluptuoso.

Um beijo ardente estalou nos lábios de Angelina, que tremula e vacillante, n'um deliquio amoroso, se deixára cair nos braços do mancebo.

E depois ?

O que se passou n'essa hora

E' segredo . . . não direi !

Foi um sorriso d'aurora

Um deliquio . . . nem eu sei !



Foi um balsamo celeste  
Que tu ingrata lhe dóste  
De teus labios a sorver !  
Foi d'amor terno gemido  
Do seio d'ambos fugido  
Que vos fez enlouquecer !

Após longo silencio, ouviu-se um tumultuar ruidoso.

Erão os fieis que deixavão o templo do Senhor.

Angelina apertando subitamente a mão de seu amante disse : — Guardas-se-  
gredo, Eduardo ?

— Juro, respondeu elle.

— Pelo que ha mais sagrado ? tornou Angelina.

— Pelas cinzas de minha mãe !

— Basta, Eduardo, adeus.

A imagem encantadora de Angelina desapareceu aos olhos de Eduardo como  
a visão phantastica d'um sonho vaporoso !

### EPÍLOGO.

São duas horas. Eduardo dorme a somno solto, sonhando com as aventuras  
d'essa noite

Angelina da Silveira, depois de fazer d'um acto religioso instrumento de suas  
devassidões, disputa em alta voz com seu marido por ter ficado no adro da igreja.

Ha tantas mulheres assim !

*Nicolau Vicente.*



## A LIBERTAÇÃO DAS CRIANÇAS

Não devia passar desapercibido para a capital do Rio Grande o dia da patria, o anniversario da nossa emancipação politica.

A cidade festejou-o dignamente, e á sua frente o *Parthenon Litterario* tornou-se o arauto da idéa liberal que devia remir o captivo innocente em commemoração da liberdade politica que havíamos conquistado no dia 7 de Setembro.

A situação é gelida, fria como os paramos do norte da montanhosa Dalecarlia, escura como os seus breves dias de inverno; passaria na monotona expressão do cortejo, de algum *viva* mal correspondido, e na pallidez de descoradas *luminarias* postas como em sarcasmo nas janellas de edificios fechados onde funcionão as repartições publicas. Passaria taciturna, como vão passando os echos dos gemidos d'outr'ora do servo da gleba ante os ferreos portões do castello russo.

Não o consentirão, porém, os sentimentos patrioticos que nos animão. Lembra-nos ainda as fervorosas ovações, os hymnos ardentes que levantavão no dia da independencia á patria que quebrára os ferros, e o odio que votavamos ao despotismo que viramos medonho descer aniquilado para os antros escuros d'onde não devia ter sahido.

E estas reminiscencias patrioticas, estas tradições do entusiasmo popular, disserão-nos que tomassemos a iniciativa na festa da liberdade; não hesitamos, quando nos lembramos que o *Parthenon*, esse ninho da mocidade porto-alegrense, digna sempre no prelo das idéas, já nos havia considerado, e que nos podia entender no caminho em que queríamos ir.

Formulamos a idéa, esboçamos o programma. O *Parthenon* aceitou-os, fez mais do que tínhamos imaginado.

A festa, a commemoração do dia nacional devia ser feita, dando-se a liberdade aos innocentes, ás crianças que podessemos haver do *berço escravo*.

O *Parthenon* fez correr uma subscrição entre a população, e tudo dispôz para exhibir um espectáculo de gala em honra do 7 de Setembro, cujo producto integral seria destinado á manumissão.

Era fervido o entusiasmo da mocidade, os liberaes concorrerão, um apoiado bem pronunciado partiu do seio do directorio liberal, o nobre e elevado coração do Exm. Sr. conselheiro conde de Porto Alegre não ficou estranho á idéa, adiantou-se na arena e traçou um pensamento digno do generoso povo rio-grandense, creando a *Sociedade libertadora dos escravos*, cujos estatutos acabão de ser approvados.

Os *esclavagistas* estremecerão, alguns senhores mal intencionados especularão; bagagem dos partidos, essa turma que está sempre á mercê do poder, riu-se com estúpido desdem, e a situação presentiu um golpe certo que lhe dirigiamos.

D'ahi os obices, as difficuldades com que o *Parthenon* teve de lutar e que retardarão a festa santa da liberdade até o dia 19.

Mas, emfim, chegou o momento. O *Parthenon*, radiante em seu triumpho, ia desfechar um tremendo golpe nos prejuizos e falsas idéas de muitas gerações que foram nas passadas idades. Era a *abolição da escravidão domestica* no seu mais esplendido apparato. Artigos de jornal, uma longa e bem dirigida propaganda não valem o mundo de idéas, de grandiosos pensamentos que alli ião resumir-se.

O theatro estava litteralmente cheio, não havia um logar vago em todo o salão, nem nos camarotes. A anciedade, e a expectativa publica era imponente.

Levantou-se o panno; era o *Elogio Dramatico* que havíamos esboçado, e cujos versos deramos á composição dos jovens e ardentés poetas da nossa cidade, que ia ser recitado. Os compositores tinham comprehendido o pensamento e tornado-o sympathico.

A *Liberdade* visitando as plagas brasileiras encontra o *Brasil*, tão varonil antes, languido e triste; anima-o, e reparandø para o fundo da floresta, vê o *Escravo* lugubrememente cantando, coberto de andrajos e cicatrizes recentes, entregue á lida diurna. Comprehendê a sorte do *Brasil* e invoca o auxilio do céo; desce então um *anjo mensageiro*, prediz a *abolição gradual* e entrega o *Escravo á Liberdade* como uma promessa de Deus, e indo ao fundo ordena como um meio pratico a *libertação dos ventres*, que é symbolisada por um grupo de vinte e uma crianças que o *Parthenon* havia libertado, e que alli estão pendentés dos seios maternos, de suas mães *ainda escravas*.

A este espectáculo as lágrimas correrão, e o enthusiasmo dos corações sensíveis tocou até o delirio. Houve em todo o auditorio uma abstracção feliz, ninguem pensou no abuso da autoridade que representa a actual situação, era só a nação que alli estava e cujas fibras tangião com força varonil os gratos sons do hymno nacional; depois foi só a liberdade que occupou todos os espiritos quando levantamos os vivas á nação, ao progresso e á liberdade.

Foi como presidente honorário do *Parthenon* que alli fizemos ouvir a nossa voz, e seja-nos licito dizer, com a franqueza que nos caracteriza, no momento em que estávamos com a nação, em que festejavamos a liberdade, esquecemo-nos do imperador, do filho do berço liberal, educado como nós nas idéas santas da revolução que nos assegurou a independencia, a constituição e o futuro do progresso por que temos passado. E esse esquecimento justificou-o o silencio do Sr. Dr. João Sertorio. Na magna questão da abolição o actual ministerio desvirtuou o procedimento d'aquelle que exerce o poder moderador, e resfriado o coração, póde não ter enthusiasmo senão pelos que ardentés sabem provocar-lhe as pulsações. Sob outras inspirações, debaixo da direecção de uma politica benefica, livre e progressista, todos os brasileiros amão as instituições que conquistarão, e como nação comprehendem a responsabilidade dos poderes, que são os seus delegados.

Foi longa a impressão da *abolição practica* produzida no auditorio pelo *Elogio*. Nós o terminamos dando as cartas de liberdade aos innocentes alli reunidos.

Marcou-se uma epocha. Porto Alegre ha de lembrar-se sempre do dia em que se levantou bem alto no conceito da humanidade:

Seguiu-se, após, quanto estava no programma.

A signora Candiani cantou, como inspirada, uma das melhores arias do seu repertorio. A sympathica D. Maria Lima recitou a *Judia*, e a menina Paranhos, na festa da innocencia, veio ainda infantil dar mostras da sua rara aptidão musical.

O drama e a comédia adornarão de prazer e magico divertimento.

O *Parthenon* não deixou sem corôas, bouquets e agradecimentos os artistas e amadores que concorrerão na festa da liberdade, e o Sr. Magalhães no seu enthusiasmo, n'um breve canto, disse-lhe o quanto valia a caridade e o sentimento patriotico que n'aquelle momento o animavão.

Porto Alegre 24 de Setembro de 1869.

Dr. Vallé Caldre e Filho

## EMENTARIO MENSAL.



O leitor conhece o que seja a macabra? O quadro medonho que a *media* idade legou-nos desenhado nos muros de suas gothicas cathedraes?

Pois vou fallar a proposito.

Ha muito que eu ouvia contar maravilhas que se passam á meia-noite, e no entanto duvidava.

Tenho a obstinação de S. Thomé: *non video, non crederam*. Será defeito, mas um defeito que faz-me trabalhar na indagação da verdade. Não dêem-me por isto o epitheto de sceptico. Não nego a realidade de Deus, da materia e da alma, como *Aenesidemo* e *Hume*; não pergunto-me, como *Montaigne*: Que sei eu?

Se nego, nego como *Descartes*, para deduzir uma affirmação, para... mas onde vou eu, meu Deus?! Ia já internando-me pelo trevoso mundo philosophico, mundo que dá toda a sorte de systemas, mas nunca a verdade, tantas philosophias, quantos são os philosophos, semelhando a essas regiões que *Gulliver* e *Niel Klim*, heróes de *Swift* e *Holberg*, percorrerão!

Fallava pois das duvidas que nutria sobre a dança dos mortos; mas já as não tenho, estou crente, como um sectario de *Mafoma*, e capaz de jurar como as personagens das comedias de *Plauto*: *Aedepol! Ab Jove!*

Crêdes? Dir-me-hão.

Sim, porque como S. Thomé assisti, toquei, vi...

Contemos o caso, como o caso foi.

Aconteceu n'uma das ultimas noites, quando o *Parthenon* ardia em febre contra o mahométano *Cabral*, que eu lia a vida de *Apollonio de Tyana*, *Nostradamus*, *Paracelso*, *Cagliostro*, *Bosco* e não sei quantas outras celebridades da sciencia dos mysterios, além de alguns livros de magia. Fazendo isto, procurava um processo para trazer o capitão á minha presença, embora sob a fôrma d'uma pulga ou mosquito.

Os *critiqueiros* que tanto incommodão o meu caro *Hilario*, consintão que eu falle de pulga e mosquito. Nem devem fazer questão. (O ultimo, se a memoria não me falha, fôra poetisado por *Salvandy* em *D. Alonzo* em *Hespanha*. *Placentius* n'um poema cantou o combate dos porcos; *Homero*, segundo uns, o das rãs e ratos; *A. de Macedo*, os burros; *Boileau* uma estante do côro; *Diniz* um hyssope; *Araujo Porto Alegre* na destruição das florestas as *surucucús*, etc. etc. Arreda pois, *critiqueiros!* Deixem tambem passar: a pulga e o mosquito).

Maldito parentese! Não sei para que inventarão esta figura!

Ia pois trabalhando á pista da incognita, quando barafustarão pelas frestas da porta, pelo buraco da fechadura e pelo soalho os seguintes Srs.: *D. Asrael*, *D. Asmodéo* e *D. Queiroga*.

Mal entrarão, fechão-me os livros, rasgão-me alguns calculos começados, saltão-me sobre a mesa, cantão, assovião, tração danças carnavalescas, fazem uma balburdia infernal!

Então arrependi-me devéras de ter travado conhecimento com semelhante gente...

O leitor não admira-se de ver Queiroga tão nosso amigo?

Depois que o Felippe Neri fez uma tão séria, justa e magistral apreciação do 1.º numero da revista do *Parthenon*, Queiroga tornou-se um verdadeiro amigo da mocidade. Parece que a palavra autorisada do homem, cuja fronte alveja ao sol d'um outomno brilhante, e da penna que constitue uma realeza, forão a vara de condão que operára tal prodigio.

— O' moço, não se incommode comnosco, disse Asrael. Sabemos o que queria e viemos satisfazel-o. Hoje estamos de ferias, temos a macabra...

— A macabra?! Exclamei eu.

— Sim, e vamos levar-o.

— Mas como hei de dançar?

Soltarão uma tremenda gargalhada.

— Nada... não dança, não; nós vamos assistir á festa. Vá, temos uma ceia, onde saboreará pela primeira vez manná, ambrozia e figados de pavão cevados com figos frescos, e onde terá, se lhe aprouver, iguarias desde o rangifer lapouio até o ninho de passarinho aziatico.

— E o Cabral?

— Havemos de vel-o transformado em uma ave e não em um insecto, como queria.

— E minha conducção?

— Fácil como tudo, respondeu Asmodêo. Veja... e começou a inchar! a inchar! e em breve tomou as formas d'um aerostato, em quanto Asrael ia tomando as d'um barquinho.

— Entremos, disse Queiroga.

Eu acompanhei-o extremamente admirado.

O balão guindou o barco e vogou velleiro nos espaços. Dez minutos depois descia sobre a varzea do Gravatahy

Erão onze horas e meia da noite

Sentamo-nos na relva e começamos a fumar em fleugmaticos cachimbos flamengos.

— Então conte-nos a festa do *Parthenon*, mancebo, disse Asrael.

— Foi uma bella festa! exclamou Queiroga

— E para nós pessima, horrivel, infame! acudiu Asmodêo!

— Como?

— Sim, porque a servidão é um mal. Os senhores peccão por alienarem a liberdade alheia, e os escravos por viverem n'um estado de completa estupidez que os torna uma ameaça para os senhores, a atrophia da industria e do commercio, e a immoralidade do lar domestico. A mocidade, Sr. Boccacio, é o nosso maior inimigo!... Felizmente que temos a velhice para as conquistas do erro.

— Conte-nos, no entanto...

— E' inutil, porque se quizerem, podem ler no proximo numero da *Revista* uma bella descripção, obra do Dr. Caldre e Fião.

— Fallem-nos antes os Srs. Asmodêo e Asrael do que ha pelo resto do mundo, acudiu Queiroga.

— O que ha? Muito, muito! mórmente por esse grandiloquo Brasil... Desde que as *mumias do passado* sahirão de seus hypogêos, e os *fosseis* resurgirão da cama-da de trevas a um aceno nosso, o Brasil não é Brasil, é sentina; o amor da patria — egoismo, as virtudes civicas — apparencias, o erario publico — mangedoura dos molóssos imperiaes e do nepotismo canceroso. Nós, os espiritos do mal, temos dois campos em que não falha uma semente: a purpura dos reis e o estomago dos padres.

— Mas um dia, atalhei, dará a polilha nos guarda-roupas reaes e a purpura será pó; outro dia o mesenterio sacerdotal abrindo em pustulas inutilizará o estomago.

— Não é assim, moço; Roma não se fez n'um dia, e as obras de Chesps cimentadas com suor e sangue de myriadas de homens, subsistem impavidas ao passar dos seculos, attestando que ainda ha seiva para nutril-as nos tempos de hoje.

— A verdade afinal brilha e . . . . .

— Ha de convellir o mal, não é o que ia dizer? Engano!

A verdade é Deus e Deus é a luz em sua quinta essencia; mas nós existimos em contraposição a Deus e somos a fonte dos absurdos, erros e preconceitos; nós — as sombras e a treva, semelhamos as manchas que o sol traz em seu velamen de esplendores. A humanidade divide-se em duas porções; uns são: Melitos e Caiphazes e outros Socrates e Christos; aquelles pertencem á nossa grey; estes á communhão divina.

Que quer?! O mundo é assim, o céo no anverso da medalha, o inferno no reverso . . .

O demonio da lascivia emmudeceu.

Uma badalada ecoou nos espaços sinistra e agoureira como um *requiem*.

Era meia noite.

Gelida brisa, que fazia onriçar os cabellos, soprou sobre a varzea. Lividas luzes illuminavão funestamente a noite. Eram os brandões dos bo latás tradicionaes.. Córos de virgens mortas no verdor dos annos fazião me o coraão gemer, tanto sua tristeza era profunda, tanto sua voz requemava doridas queixas!

Dominou-me ao principio o terror.

Estava estatelado, com os olhos cerrados, receando ver as negras peripecias da scena, quando Asrael tocou-me. Encare-o, e elle indigitou um ponto. Olhei... era medunho!

Fechei os olhos, abri-os de novo e assim continuei até acostumar-os ao quadro.

Havia um throno Era construido de arcabouços e carcassas de raças extintas de animaes. Sobre elle destacava a morte com a inexoravel foice. Em torno o tripudio dos mortos de todos os sexos, de todas as idades, de todas as raças, de todas as condições! E dansavão.

Dansavão como doudos, embatendo os esqueletos, sacudindo os sudarios. E rião no torvelinho dos E circulos! que coisa mais horrivel hi ha que a caveira que ri!? O que mais coa n'alma o gelo do pavor que um craneo liso, de reflexos eburneos á luz versatil dos tocheiros?!

Afinal desaparecerão os terrores que me incutia aquella scena.

Em vez de ver alli um motivo de reluctancia, achei indefinivel prazer.

Eu dizia: O' vaidade do mundo! Eis niveladas as raças, as jerarchias sociaes na macabra!

Queiroga, Asrael, Asmodêo apertavão as ilhargas, em'accessos de riso, ouvindo minhas considerações.

— Moço, deixe de reflectir, vamos ceiar; enquanto os mortos revolteião em vortices delirantes, banquetemo-nos... Façamos uma ruidosa saturnal. A vida é: *moll-s in gramine somnos*, quando sabemos gozal-a.... Vamos brindar os herões da taça, desde D. Noé até John Falstaff e Werner. E levarão-me para uma mesa á sombra de algumas figueiras silvestres. Ahi estava um urubú-rei. A multiplicidade de ignarias agulavão-lhe o appetite, tentava local-as com o

adunco bico, mas fazia esforços inuteis, soffria o supplicio de Tanelo, estava preso por uma força superior. Tambem para a vôr. cidade d'esta ave, insaciavel, como o tonel das Danaides, só um tal castigo!

E sabe o leitor, de que urubú-rei fallo?  
Adevinhe.

Estou com somno..... quem vai á macabra, fica exausto de forças...  
O' uma noite ao relento entre mortallas é uma pilha electrica! As emoções são tantas e tão varias!

A penna treme nos entre os dedos, cahe traçã o apenas :  
Good bye.

Boccacio



# ACTAS.

## 4.ª sessão ordinaria em 14 de Fevereiro de 1869.

Presidencia do Sr. Ernesto Paiva.

Aos 14 dias do mez de Fevereiro de 1869, ás 8 horas da noite, presentes 12 Srs. socios, abriu-se a sessão.

Foi lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

Em seguida foi lida uma proposta do administrador da empresa da *Actualidade*, para a impressão da « Revista Mensal » da associação. — Ao conselho economico.

O Sr. 1.º secretario procedeu á leitura do expediente a seu cargo.

Foram aceitos 2 socios effectivos, e 1 correspondente, residente no Rio Grande.

O Sr. 1.º orador saudou na forma do estylo a um Sr. novo associado.

### PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA :

Nada houve a tratar.

### SEGUNDA PARTE :

Continuou a discussão da these philosophica sobre a guerra. Orou o Sr. Affonso Marques, tendo sido depois encerrada a discussão.

O Sr. presidente deu para a ordem do dia da sessão seguinte o parecer sobre a these historica : *como deve ser considerado Juarez perante a historia?* cujo parecer fôra confiado ao Sr. Achylles Porto Alegre, e levantou a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

O 2.º secretario,  
*Aurelio V. de Buttencourt.*

**5.ª Sessão ordinaria em 21 de Fevereiro de 1869.**

*Presidencia do Sr. Ernesto Paiva.*

A's 8 horas da noite, presentes 19 Srs. socios, abriu-se a sessão.

Foi lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lida a acta da 1.ª sessão d'este anno do conselho economico.

O Sr. 1.º secretario procedeu á leitura do expediente á seu cargo.

A' requerimento do Sr. Achylles Porto Alegre, o Sr. presidente nomeou os Srs Juvencio Augusto de Menezes Paredes e Hilario Ribeiro afim de darem os pesames ao socio fundador Henrique Maya de Castilho, em demonstração de sentimento pelo infausto passamento de sua irmã.

Foram aceitos 3 socios effectivos e 6 correspondentes, sendo d'estes 4 residentes em Pelotas, um em Taquary e o outro em S. Jeronymo.

O Sr. Bernardino dos Santos preveniu á casa de que na primeira sessão apresentaria o protesto de alguns socios contra a eleição geral a que se procedeu na sessão extraordinaria de 17 de Janeiro.

Travou-se discussão á respeito entre os Srs. Affonso, Achylles Porto Alegre e Bernardino.

**1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA.**

Nada houve a tratar.

**2.ª PARTE.**

O Sr. Achylles Porto Alegre leu o parecer sobre a these historica: *Como deve ser Juarez considerado perante a historia?*

Orarão sobre o assumpto os Srs. Menezes Paredes, Bernardino e Achylles. Todos davão a Juarez as proporções de um heróe, libertador da patria do jugo que a quizera escravisar; havendo no entanto discordancia no modo de considerar a scena de Queretaro. De um lado sustentava-se que Juarez ainda se tornára maior, mandando executar a sentença do conselho de guerra que condemnára Maximiliano á morte, porque assim vingava elle o assassinato de tanto pai de familia, a deshonra de tanta donzella, a ruina commercial do Mexico, autorisados pelo principe que Napoleão fizera sentar no throno; d'outro lado, porém, opinava-se que o audaz guerreiro, que não trepidára ante as privações e as inclemencias de uma campanha para destronar um rei illegitimo, manchára os seus laureis fazendo derramar o sangue de um irmão, que apenas fôra o instrumento do insaciavel desejo de conquista de um monarcha ambicioso.

Indo adiantada a hora, foi adiada a discussão, ficando com a palavra o autor do parecer.

Levantou-se a sessão ás 10 horas da noite.

O 2.º secretario,

*Aurelio V. de Bittencourt.*